





Tradução: Renato Marques de Oliveira

RICHARD BRADFORD

## SUMÁRIO

PR	EFÁCIO E AGRADECIMENTOS	8
INTRODUÇÃO		10
1	O desajustado e o puro inferno na São Cipriano	17
2	Eton	33
3	Birmânia	51
4	Dias de indigente	73
5	Orwell era antissemita?	89
6	Sem esperança	109
7/	Livros, casamento e a jornada para o norte	129
8	Espanha e política séria	157

9 Entreguerras	187
10 Guerra	201
11 Jornalismo explosivo	217
12 Mudanças	241
13 A revolução dos bichos	253
14 Jura	267
<b>15</b> 1984	281
EPÍLOGO	320
BIBLIOGRAFIA	
ÍNDICE REMISSIVO	

## PREFÁCIO E AGRADECIMENTOS

odas as citações são de textos de Orwell e de outros autores mencionados na Bibliografia. Orwell, é claro, nasceu Eric Arthur Blair, mas, por conveniência, vou me referir a ele como "Orwell" ou "George Orwell", e ao casal Eric e Eileen como "os Orwell". Na preparação deste livro, devo agradecimentos à equipe da Biblioteca da Universidade de Ulster e à Lisa Verner. A dra. Amy Burns, uma fã de Orwell, foi de grande ajuda, assim como D. J. Howells, pela mesma razão. Minha editora na Bloomsbury, Jayne Parsons, foi uma joia.

## INTRODUÇÃO

iografias, por sua natureza, tratam do passado, mas esta narrativa da vida de Orwell será um pouco diferente. O livro o trará ao presente e, com isso, mostrará que certas perguntas feitas pelo escritor à sua geração permanecem sem resposta e, por vezes, sem terem sido discutidas.

Nenhum autor é capaz de prever o futuro; no entanto, o talento de Orwell como pressagiador é extraordinário. Desde o início dos anos 1930, ele foi astuto em identificar aspectos nossos que resistiriam ao tempo e ressurgiriam muitas décadas depois: o antissemitismo, especialmente na extrema esquerda; a tolerância do mundo livre aos regimes autoritários, porque precisamos deles do ponto de vista econômico; o materialismo ignorante; a política populista; o nacionalismo descerebrado; o duplipensar como o motor do discurso político, isto é, mentiras descaradas; o ressurgimento da xenofobia aparentemente endêmica; e, é claro, o Brexit. Em sua maioria, os suspeitos de sempre não estavam vivos quando Orwell nos deixou, em janeiro de 1950, mas ele não ficaria surpreso ao vê-los como figuras-chave em reencenações dos dramas orwellianos: [Theresa] May, [Donald] Trump, [Boris] Johnson, [Michael] Gove, [Jereny] Corbyn, [Nigel] Farage, [Vladimir] Putin, Xi Jinping e outros.

Na juventude, Orwell era antissemita, mas, ao contrário de quase todos que partilhavam dessa inclinação, tanto naquela época quanto hoje, Orwell distanciou-se de si mesmo, reconheceu a atitude que a seu ver era perniciosa, confrontou as causas de sua aversão e acabou se arrependendo. A expiação de Orwell envolveu ao mesmo tempo desprezo por si mesmo e o terrível reconhecimento de que muitos de seus compatriotas eram tão

perversos quanto ele tinha sido. Quem acredita que uma Grã-Bretanha ocupada teria protegido seus judeus deveria ler o jornalismo que Orwell produziu no tempo de guerra e repensar. Sua avaliação sobre o verdadeiro antissemitismo como uma forma calculada de duplipensar nos diz um bocado sobre o estado do Partido Trabalhista de Corbyn.

Na Espanha, Orwell foi um herói, arriscando a vida ao liderar inúmeros ataques contra trincheiras falangistas\* e postos de metralhadoras. Levou um tiro na garganta e, como recompensa, foi acusado de traição pelos soviéticos e simpatizantes russos no Ocidente. Orwell e sua esposa, Eileen, se refugiaram em Barcelona e escaparam da execução pela NKVD, a polícia secreta russa,\*\* ao cruzar a fronteira para a França. Em resumo, ele sentiu na pele uma versão do que vinha ocorrendo por quase uma década sob o governo autoritário de Stálin: a dissidência resultava em julgamento-show sumário e execução.

Orwell abominava a pobreza, mas execrava em igual medida a inflexibilidade do marxismo e do comunismo, não os vendo como soluções; sistemas e ideologias que negam aos seres humanos a quixotesca oportunidade de viver e pensar como desejarem são, na visão de Orwell, quase tão cruéis quanto a desigualdade. Viajando em meio à classe trabalhadora inglesa, Orwell encontrou homens e mulheres quase reduzidos à condição de animais, mas, para seu desgosto, também detectou uma mistura de apatia e funesta resignação; algo bem diferente da energia indômita da Catalunha revolucionária. Os "proletas" de 1984 nasceram das tristes figuras de Na pior em Paris e Londres e O caminho para Wigan Pier. Ele tinha a expectativa de que as condições dos proletários melhorassem, mas não estava otimista com relação à mudança de um estado mental coletivo. Os entusiásticos aplausos da multidão em Lancashire, saudando o discurso de Mosley,\*\*\* seriam ecoados décadas depois por seguidores do Partido do Brexit, liderado por Nigel Farage. Mais importante, Orwell diagnosticou

<sup>\*</sup> Falange Espanhola, partido fascista de apoio a Franco. (N. T.)

<sup>\*\*</sup> Narodnyi Komissariat Vnutrennikh Del [Comissariado do Povo para Assuntos Internos], descendente direto da Cheka [o Comitê Extraordinário de Todos os Russos para Combater a Contrarrevolução e a Sabotagem], que em 1922 se tornou a GPU [Administração Política do Estado]; era o órgão de segurança que se transformaria no serviço secreto KGB [Komitet Gosudarstveno Bezopasnosti]. (N. T.)

<sup>\*\*\*</sup> Oswald Mosley (1896-1980), um dos principais líderes da extrema direita da Inglaterra, fundador da União Britânica de Fascistas (UBF). (N. T.)

um estado de introversão e xenofobia que transcende classes e é a essência do caráter inglês: o Brexit existia muito antes de o Mercado Comum ter sido inventado.

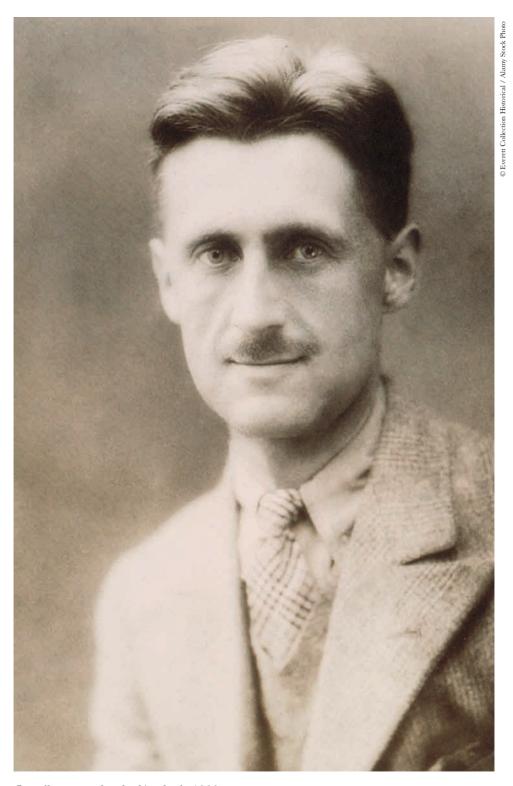
E, é claro, temos o duplipensar, o uso da linguagem para distorcer a realidade objetiva. Hoje, isso não é uma ferramenta do Partido Interno, e sim uma condição cooperativa; não nos importamos de ser enganados. Mas erradicamos o pesadelo de 1984, não é mesmo? Pelo contrário. Como parceiros no comércio global, estendemos nossas tigelas de pedintes para a China, cujo Partido Comunista no poder poderia muito bem ter usado o romance de Orwell como um manual de instruções.

Os romances de Orwell da década de 1930 (Dias na Birmânia, A filha do reverendo, A flor da Inglaterra\* e Um pouco de ar, por favor!\ são belos exemplos da arte da escrita, mas o leitor sente também uma tensão entre eles e os três livros publicados no mesmo período (Na pior em Paris e Londres, O caminho para Wigan Pier e Homenagem à Catalunha), que são igualmente fascinantes porque partem apenas de experiências vividas. Quando a Segunda Guerra Mundial foi deflagrada, Orwell decidiu que contar a verdade era mais importante do que inventar coisas. Seu jornalismo da década de 1940 é furioso e confrontador por ser baseado em fatos que ele observou e relatou, e que praticamente todas as outras pessoas preferiram ignorar. Desse modo, foi um ensaio para seus dois romances distópicos mais conhecidos, A revolução dos bichos e 1984. Ambos sintetizam a teoria de Orwell acerca do papel da literatura, apresentada em Dentro da baleia e outros ensaios. A literatura não deve ser uma diversão ou distração, tampouco um ramo das "artes". Deve mostrar o pior de nós e servir de alerta sobre o que somos capazes de criar. A Guerra Fria acabou, mas ainda precisamos dar atenção à advertência de Orwell. A versão chinesa do totalitarismo do "Grande Irmão" [Big Brother] é horripilante, e não apenas por ser pior do que qualquer coisa imaginada por Orwell. Em seu tempo, a esquerda tanto ludibriou a si mesma quanto à realidade do regime de Stálin. Hoje sabemos o que acontece no governo de Xi Jinping e, por uma questão de conveniência econômica, não damos a mínima. Orwell disse acerca de seu último romance: "Não deixe

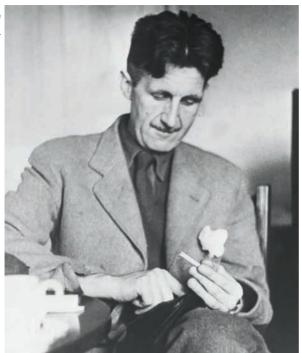
<sup>\*</sup> Título na edição da Companhia das Letras (2007). Também publicado no Brasil como *Moinhos de vento* (Nova Fronteira) e *Mantenha o sistema* (Itatiaia). (N. T.)

isso acontecer". Pelo visto, agora ajudamos e instigamos a coisa a acontecer. Talvez possamos acreditar que Orwell esteja descansando em paz no cemitério em Sutton Courtenay, uma vez que impedimos sua profecia de se concretizar aqui e no restante do "mundo livre". Mas leia nas páginas de 1984 as descrições do ritual dos Dois Minutos de Ódio, depois veja gravações de Trump conclamando seus correligionários a bradar "Prendam ela! Prendam ela!" e reavalie.

<sup>\*</sup> Grito entoado por Trump e seus apoiadores em comícios e discursos públicos durante a campanha eleitoral para a presidência dos eua em 2016, pedindo a prisão de Hillary Clinton. A candidata Democrata, apoiada pelo então presidente Barack Obama, foi acusada de irresponsabilidade por ter utilizado seu e-mail pessoal, desprotegido contra hackers, para trocar mensagens com conteúdo confidencial do governo norte-americano. Os e-mails foram enviados quando Hillary era secretária de Estado, no primeiro mandato de Barack Obama, entre 2009 e 2013. (N. T.)



Orwell em meados da década de 1930



Orwell com cigarro, início dos anos 1940



Orwell na BBC, em 1941



Charge de 2018 representando Donald Trump como o porco Napoleão de A revolução dos bichos